

A RETÓRICA DA INTENSIFICAÇÃO DE PAPÉIS SOCIAIS E DA EXPRESSÃO DO LUTO NOS GÊNEROS FÚNEBRES: O CASO DOS EPITÁFIOS

Fabíola de Jesus Soares Santana¹

RESUMO

Como um fato social, a morte integra vários discursos: o religioso, o jurídico, o científico, o policial, o médico, o eclesiástico, o literário e o midiático. Para isso, a família e as demais instituições sociais utilizam diversos gêneros textuais que são responsáveis pela integração do morto em sua nova condição social, de não ser mais um agente que interage na vida cotidiana. Além de mediar a passagem para essa nova condição social, funcionam também como uma memória social e cultural das atividades realizadas pelos diversos atores sociais. Este trabalho propõe uma análise de como os epitáfios funcionam como práticas mortuárias intensificadoras do sentimento de luto da família e das demais instituições a que pertencia o morto, bem como seus papéis sociais em vida.

Palavras-chave: epitáfio, retórica, intensificação.

ABSTRACT

As a social fact, death integrates many discourses: religious, legal, political, medical, ecclesial, literary and media discourse. In this regard, the family and others social institutions use various textual genres that are responsible by the integration of the dead person in its new social condition. These textual genres mediate the passage to a new social condition and work either as a social and cultural memory of the activities performed by social actors. This paper proposes an analysis of how the epitaphs work as intensifier mortuary practices of the family mourning and others social institutions. Besides it analyses how epitaphs intensify social roles.

Key words: epitaph, rhetoric, intensification.

¹ Professora Adjunto II do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: fabiolajsantana@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O estudo dos gêneros como atividades discursivas tem despertado o interesse daqueles que pretendem conhecer melhor ‘o modo de vida particular’ de membros de uma comunidade, ou como se opera o ‘agir social’ em situações também singulares. Esse interesse, no nosso entender, advém da preocupação com a caracterização e a compreensão da significação dos sistemas de ações e de interações humanas e suas finalidades nas mais diversas funções e lugares sociais que os estudiosos da linguagem têm revelado ao longo do tempo.

Se, na Antiguidade Clássica, discutia-se a natureza e as espécies de poesia, das características de cada uma, do modo como as fábulas deviam ser compostas para dar perfeição ao poema, hodiernamente os estudos sobre os gêneros textuais não se centram apenas naqueles ligados ao domínio do discurso literário, ao fazer do poeta, mas principalmente a toda forma de fazer humano, do cotidiano da vida social de seus agentes nas mais diversas situações, o que implica em uma diversidade muito maior de discursos e, conseqüentemente de materialidade textual, do que daqueles pensados por Platão e por Aristóteles.

Os gêneros textuais são produtos histórico-sociais, portanto, sujeitos a uma contínua influência da motivação social que levou ao seu surgimento, bem como das condições de funcionamento a que estão submetidos em um dado contexto. Eles estão em constante processo de mudança: podem cair em desuso, transformar-se parcialmente, ou, ainda, modificar-se completamente, dando origem a novos gêneros. Estes são formas reconhecíveis, tipificadoras, autorreforçadoras de ações sociais que organizam atividades e pessoas e enfatizam particularmente as intenções sociais nelas reconhecidas.¹

Dentre os gêneros textuais que realizam ações em uma circunstância fúnebre, alguns comuns a quase todas as culturas e outros bem singulares a cada grupo, destacamos aqueles que objetivam integração do morto ao seu novo lugar social, o lugar da memória, da posteridade. São variados os gêneros e de vários campos de ação. Podemos citar: epitáfio, nota de falecimento, nota de agradecimento, obituário, certidão de óbito, nênia, treno, epicédio, testamento, incelência, condolências, convite de missa, mementos ou santinhos de missas entre outros.

A motivação para a realização deste estudo foi perceber que essas práticas respondem a uma necessidade social e cultural do homem de lidar com o corpo/cadáver

daqueles que já deixaram de agir em todas as esferas do cotidiano social e precisam ser inseridos em um novo lugar social. Chamou atenção o fato de que essa produção de textos reforça papéis sociais distintos ligados aos mais variados campos discursivos e funcionam como ações rituais que inserem o morto na memória do grupo a que pertence, marcando a perda da individualidade do morto e a dependência de sua existência em torno de toda coletividade que o envolve.

Neste artigo, apresentamos uma análise sobre o modo como a linguagem funciona como recurso simbólico para criar e manter significados relacionados às formas de enfrentamento e manifestação do sentimento de luto e, principalmente, à forma como certas práticas mortuárias resguardam a relação entre vivos e mortos, forjada pela ideologia religiosa (cristã ocidental) que pervade o cenário da morte.

A hipótese levantada é a de que os gêneros fúnebres funcionam como formas legitimadoras de certos papéis sociais, uma vez que a construção de uma representação positiva, como estratégia discursiva, pode ser uma forma ao mesmo tempo de integração do morto ao seu novo lugar que se forja pelo discurso religioso e pelo caráter exemplar da morte, mas também é um reforço de identidades sociais forjado pela predicação exaltada da função social dos atores representados.

A discussão aqui apresentada pauta-se na noção de gênero textual como fatos sociais que refletem a interação social e ajudam as pessoas a dar sentido às suas experiências modeladas socialmente. No caso deste estudo, os gêneros fúnebres são um reflexo do modo como damos sentido à morte e de como asseguramos um novo lugar aos mortos.

Para alcançar o objetivo delineado neste estudo, primeiramente apresentamos uma discussão sobre a morte e os seus campos de ação; em seguida, destacamos como os gêneros fúnebres são um reflexo do modo como damos sentido à morte e de como asseguramos um novo lugar aos mortos. Para isso, destacamos a retórica da intensificação de papéis sociais e da expressão do luto nos gêneros fúnebres, em especial o epitáfio.

O *corpus* é constituído de epitáfios coletados em igrejas e cemitérios da cidade de São Luís, no Estado do Maranhão, em um marco temporal definido: o século IX. Este período foi escolhido, pois marca uma fase de transformações das práticas mortuárias em que também ocorre uma intensificação quanto ao uso dos gêneros fúnebres pela emergente sociedade burguesa. Esse grupo, no esforço em tornar a morte de seus entes queridos um importante acontecimento social e evidenciar o papel social

do morto e da família, além dos ritos mortuários de passagem, de preparação do corpo, produzia vários gêneros textuais, difundidos tanto pela família como também por outras instituições as quais pertenciam o falecido.

A MORTE E OS SEUS CAMPOS DE AÇÃO

O evento morte envolve vários campos da ação social, como identificamos na Figura 01:



Figura 1. A morte e seus campos de ação.

Considerando também que os gêneros textuais são formas tipificadoras, reconhecíveis e autorreforçadoras do agir social, entendemos que estão impregnados da dualidade entre o indivíduo e a sociedade. Por isso mesmo, conforme Bazerman (2005, p. 31), eles se apresentam como “fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam”. Isto é, dizem respeito ao modo como constroem o mundo social e suas identidades individuais a partir desse macroespaço. Por emergirem nos processos sociais, captam e dão formas às ações que realizam nas mais diversas situações ou campo de ação a partir de um *habitus*.

Na morte, em cada campo de ação, os agentes sociais reproduzem um conjunto de gêneros textuais que contribuem com e moldam o discurso sobre a morte e os mortos. A distinção espacio-metafórica entre esses diferentes campos de ação, baseando-nos no argumento de Wodak (2001b, p. 66), pode ser entendida como uma distinção entre as diferentes funções ou objetivos socialmente institucionalizados das práticas discursivas e textuais relacionadas à morte.

Os gêneros utilizados para integrar o morto ao seu novo lugar, e ainda perpetuar e fixar na memória social uma representação, ideologicamente condicionada e forjada por discursos: religioso, jurídico, midiático, sofrem uma variação de propósitos, se considerarmos quem produz o gênero e para quem, e dos discursos em que são forjadas as representações da morte e dos mortos.

Assim, por exemplo, no campo da ação religiosa no que diz respeito ao macro tópico morte, distingo entre as funções dos gêneros textuais fúnebres, a celebração de práticas rituais para preparação do corpo, a integração do morto ao seu novo lugar social, a construção de um *ethos* pós-morte positivo do falecido e dos enlutados, o registro oficial do óbito (até o século XIX), a notificação pública da morte, a formulação de normas de comportamento para os atores sociais envolvidos em uma cena da morte, a memorização do morto, a inserção da vida humana em um contexto supra-humano, divino, sagrado, dentre outras funções.

As práticas discursivas relacionadas à morte materializam-se nos diversos gêneros textuais e têm como ponto de partida o campo de ação religiosa, entretanto estendem-se também a outros campos, dependendo de alguns elementos do discurso como: locutor, referente, interlocutor, intencionalidade.

A RETÓRICA DA INTENSIFICAÇÃO DE PAPÉIS SOCIAIS E DA EXPRESSÃO DO LUTO NOS GÊNEROS FÚNEBRES: O CASO DOS EPITÁFIOS

Consideramos que os gêneros epitáfio e obituário são as práticas discursivas e textuais fúnebres que mais se relacionam com a necessidade humana de fixar na memória social papéis que remetem não somente ao caráter exemplar da morte, mas também a intensificação de ações ligadas às classes sociais de prestígio. Neste artigo destacamos o caso do epitáfio.

Concebendo o epitáfio, como prática social recorrente, cujo propósito e ênfase iniciais são de identificação e integração do corpo a um novo lugar (da memória, do metafísico), como resposta a uma exigência social e cultural oriunda de uma ocasião da vida cotidiana, compartilhada por atores sociais específicos, postulamos que ele atende, sobretudo, ao desejo dos sobreviventes de localizar o corpo de um ente querido. Localizar, não necessariamente e sempre no túmulo, como remete a etimologia da

própria palavra epitáfio, mas fixar na memória social, afetiva dos que sobrevivem e daqueles que estão por vir uma representação positiva póstuma de um ator social.

Ao longo da história do gênero, de acordo com Newstok (2009), o epitáfio tem sido estruturado para realizar os seguintes efeitos pragmáticos no seu leitor/interlocutor:

- a) chamar a atenção para a existência de um corpo, que não é precisamente o mesmo (aquele atuante socialmente), fixado, imóvel, no túmulo;
- b) convencer, por meio do enaltecimento ostensivo acerca da pessoa de quem se fala, de que as virtudes sobressaem-se na morte.
- c) provocar uma meditação sobre a finitude da vida e a mortalidade humana.
- d) compartilhar o luto dos sobreviventes com outros membros da comunidade a qual pertence o morto.

A estrutura formal segue, na maioria dos epitáfios, o seguinte modelo:

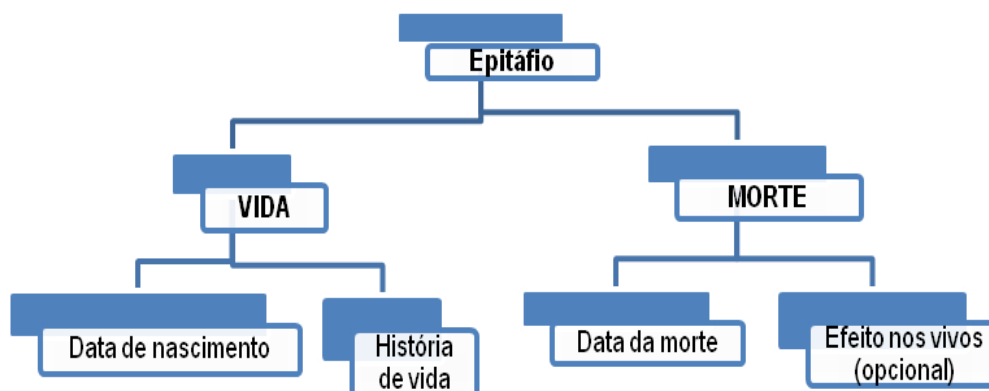
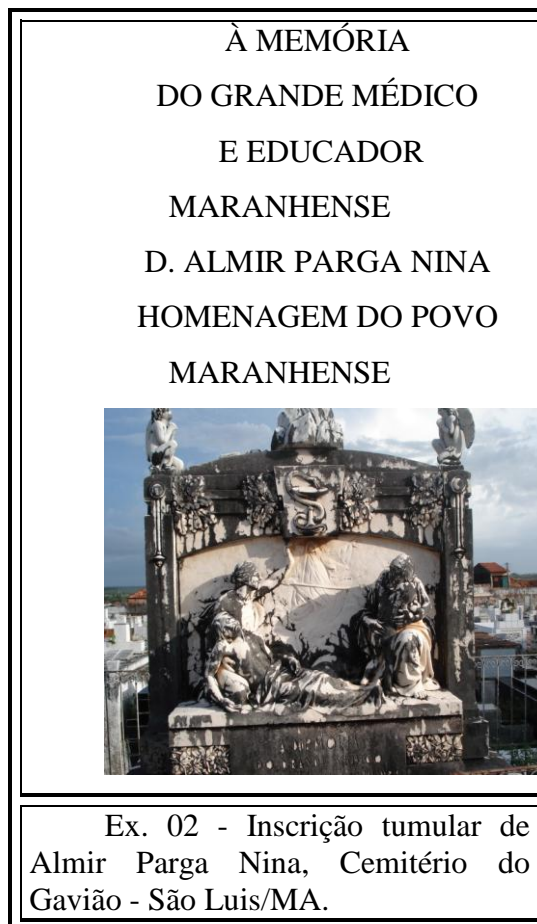
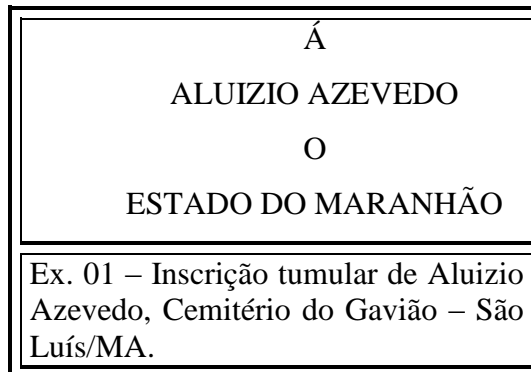


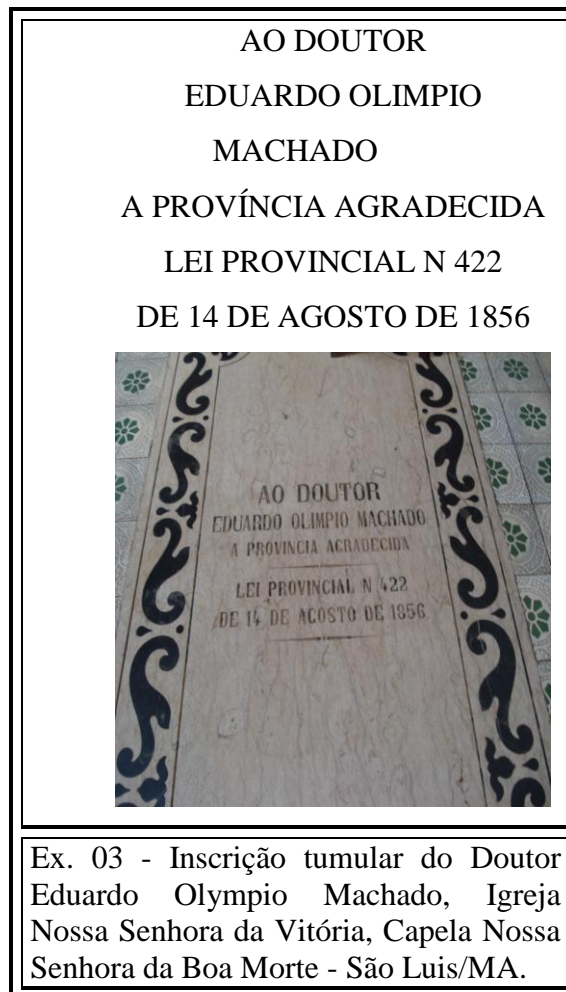
Figura 2 - Estrutura formal do gênero epitáfio
 Fonte: SANTANA, F. de J. S., 2012.

Identificamos também, no conjunto de inscrições tumulares coletadas, que há uma variedade de formas textuais desse gênero: poemas, citações, agradecimentos, narrativas biográficas, dedicatórias, cartas psicografadas, funcionando como um mecanismo de integração, identificação, localização do corpo e expressão do luto.

A dedicatória e o agradecimento põem em relevo a importância social do falecido que, de um modo geral, contribuiu para o engrandecimento cultural, social, político ou econômico da esfera pública responsável por esse ato, conforme os exemplos 01, 02 e 03 das lápides do escritor Aluizio Azevedo (destacada figura da

literatura maranhense e nacional), do médico e educador maranhense Almir Parga Nina e do Governador da Província do Maranhão Dr. Eduardo Olímpio.





No epitáfio do Dr. Eduardo Olímpio Machado (exemplo 03), em lápide encontrada na Capela da Boa Morte, Igreja Nossa Senhora da Vitória-Palácio Episcopal, identificam-se elementos que estão relacionados à importância do seu papel social na composição do texto inscrito na pedra. Todas as palavras do texto estão em caixa alta, entretanto, uma se sobressai por seu tamanho em relação às outras e indicia a profissão do morto (Doutor). Esta lápide sofreu alterações no decorrer do tempo em relação às borlas utilizadas com a colocação de um novo desenho. Entretanto, conseguimos recuperar a informação sobre o desenho original da borla. Segundo Marques (1970, p. 96), nessa lápide havia no alto, a buril, a borla de doutor, logo abaixo duas penas cruzadas e presas por um anel. A borla de doutor foi um recurso semiótico usado na composição deste epitáfio que reforçou a função social, expressa pelo recurso linguístico (Doutor).

Nos exemplos 01, 02 e 03, o papel social põe-se em evidência também por quem enuncia o discurso: o Estado do Maranhão, o povo maranhense e a província agradecida. Além desse aspecto, um recurso semiótico que também evidencia a

relevância de quem está representado e de quem enuncia o discurso, diz respeito ao tamanho do túmulo. Apesar das formas textuais das inscrições tumulares que indicam a localização dos corpos dos exemplos 01, 02 e 03, a saber, agradecimento e dedicatória, serem limitadas quanto ao recurso linguístico, outros sistemas semióticos são usados como forma de ancoragem para a intensificação dos papéis sociais ali representados.

Kress e van Leeuwen (citados em Balocco, 2005, p. 65) asseguram que isso se deve ao fato de que a linguagem sozinha não é mais suficiente como foco de atenção para aqueles interessados na construção e reconstrução social do significado. Consideramos que a intensificação, nos exemplos mencionados, dá-se principalmente pelo tamanho e lugar do túmulo, pela tipografia (tipo e tamanho da fonte, linhas de separação de partes do texto, enquadramento e outras marcas gráficas), pelo uso de esculturas e, principalmente, por quem produz. O caráter multimodal da tipografia nos textos dos epitáfios demarca para o leitor as partes textuais e os significados que devem ser fixados, como vimos no exemplo 03 com a ênfase a palavra Doutor. Além disso, a elegância e as linhas retas das formas das letras em versal, o espaçamento entre os caracteres e a centralidade dos textos reforçam as escolhas linguístico-discursivas feitas por quem fez o texto. Como argumentam Kress e van Leeuwen (2006, p. 13), para que os participantes de um contexto particular façam suas mensagens maximamente compreensíveis, os mesmos escolhem formas as quais acreditam ser transparentes para os outros participantes de um processo interativo.

Por ser exatamente um instrumento de representação dos discursos sociais, encontramos na escrita dos epitáfios um caráter de heterogeneidade em que elementos gráficos, imagéticos e textuais, diferentes modos de representação, se unem na construção de um evento comunicativo e da expressão do sentimento de luto em relação a atores que desempenham papéis de destaque ligados às diversas esferas da sociedade: política, econômica, cultural, eclesiástica, artística etc. Essa escrita heterogênea, presente nos epitáfios, além de representar a visão de mundo de um dado grupo social em uma situação particular, fixa, no tempo e no espaço, papéis sociais, servindo ainda de memória documental.

Quanto às escolhas dos signos utilizados nas representações de quadros sociais em um dado contexto, Kress e van Leeuwen (2006, p. 13) destacam:

[...] O interesse dos produtores de signos, no momento em que eles produzem o signo, leva-os a escolher um aspecto ou um conjunto de

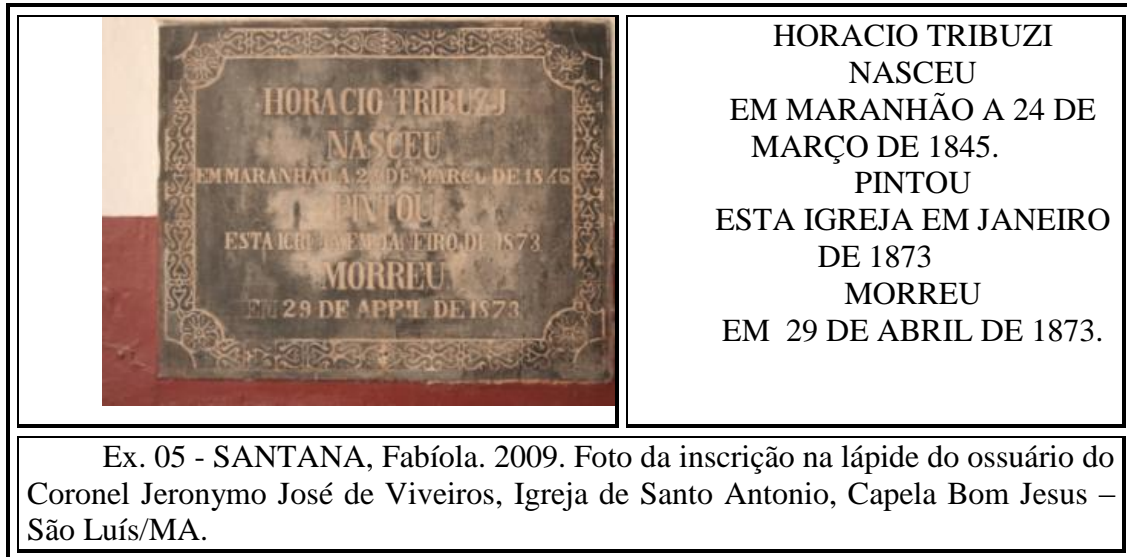
aspectos do objeto a ser representado como sendo critérios, naquele momento, para representar o que eles desejam representar, e, então, escolhem a forma mais apta e mais plausível para sua representação. Isto se aplica também ao interesse das instituições sociais nas quais as mensagens são produzidas, e lá ele toma a forma (de histórias) das convenções e das restrições. (Tradução nossa).

Nesse gênero ligado às práticas mortuárias, os sistemas semióticos que o compõe se associam para mobilizar os sentidos do texto. Nos epitáfios oitocentistas de nossos *corpora*, por exemplo, há três tipos de imagens que se associam às seguintes representações: morte (anjos, caveiras, cruzes, cálice eucarístico); emoção ou sentimento de quem fez o epitáfio (mãos dadas) e identidade social (borlas, brasões e insígnias). Jewitt e Oyama (2003: 143) postulam que as imagens “definem o significado ou a identidade de um participante”. As imagens visualmente definem ou analisam ou classificam pessoas, lugares e coisas, como verificamos no exemplo 04, em relação à figura da insígnia que remete à patente de coronel do referente do discurso. As autoras reforçam ainda que o significado representacional de uma imagem está convencionalmente associado a valores simbólicos. Aspectos multimodais unem-se na retórica dos epitáfios para construir a representação da experiência diante da morte que também reforça os papéis sociais de quem está representado no discurso.



No exemplo 05, apesar de toda a composição do espaço envolver a centralidade daquilo que é comunicado, a trajetória de vida do ator representado resume-se às quatro palavras destacadas de forma significativa também ao centro em caracteres versais maiores que os demais. Essa estratégia salienta ainda mais qual o

momento de vida mais importante que se quer ressaltar, conseqüentemente o papel social. O significado composicional implica no valor da informação que se quer salientar: HORACIO TRIBUZI, NASCEU, PINTOU, MORREU. A composição dos epitáfios oitocentistas segue o modelo de estrutura composicional cujos elementos imagéticos ou linguísticos estão ao centro e/ou à margem.



No exemplo 06, a figura de um navio, ao centro, remete imediatamente à identidade do referente principal do discurso epifítico, que é a pessoa de quem se fala no epitáfio, o marinheiro Joaquim Peixoto da Costa Santos. Todo o conjunto de imagens (navio, guincho, âncora) que compõe esse epitáfio define não somente o papel social da pessoa de quem se fala, mas associa-se semanticamente ao que está representado linguisticamente no discurso: navio (papel social), guincho (nascimento), âncora (morte). Também pelo tópico discursivo (trajetória de vida e morte) e pela ênfase dada à seleção lexical para expressá-lo (casou, consórcio, filhos) são reconhecidos valores e sentimentos que se associam ao produtor do discurso: *Sua dedicada esposa em signal de amizade e gratidão mandou erigir-lhe esta lapida.*



No conjunto de epitáfios analisados, os itens lexicais são parte de um sistema dêitico do discurso fúnebre pelo qual uma sociedade cria sentido em relação a sua ideia de morte a partir da representação da morte do **outro**; às emoções ligadas a essa prática ritual; à forma como um grupo se move em um espaço social associado ou a um discurso de intensificação de papéis sociais ou de superação do luto; e ainda à forma como orientam e tipificam uma situação social, determinando o que é discursivamente relevante para esse contexto. Tal constatação reitera a noção de gênero como ação tipificada e orientada também pelas escolhas lexicais, discursivas e textuais.

Os epitáfios ligados às classes eclesiais foram selecionados como os mais representativos quanto à construção discursiva na representação da intensificação do papel social, considerando o tamanho das lápides tumulares e o espaço para o texto. No Palácio episcopal, a relevância religiosa desse espaço discursivo implica na limitação de tipos sociais ali representados em decorrência do poder que lhes atribuíam pela ocupação nos altos escalões da Igreja. Quanto ao aspecto tipográfico, há uma diversidade de uso de fontes tipográficas e de outros recursos como fios, orlas, borlas, bigodes com o objetivo de destacar conteúdos relevantes do texto, geralmente a função social e ou feitos mais importantes de quem está sendo representado. O alinhamento dos textos, na maioria dos epitáfios, é centralizado. Quanto ao espaçamento das entrelinhas, há sempre uma medida mínima que garante uma boa condição de leitura dos textos.

A variedade tipográfica nos epitáfios das classes eclesiásticas funciona como recurso que aponta para uma mudança argumentativa ou ênfase a uma informação no texto. Wysocki (2003: 126), em trabalho intitulado *The multiple media of texts*, destaca a importância da escolha dos tipos de fontes das letras como uma estratégia visual importante que pode assinalar as mudanças argumentativas, introduzindo um novo objeto do discurso.

No caso dos epitáfios dos bispos, a intensificação, como estratégia discursiva, é operacionalizada por meio de:

- hipérboles: **instituiu grandes obras na sua época; seus trabalhos foram imensos; amou com entranhado afeto seu rebanho; viveu muito pouco para si, muito verdadeiramente para a Igreja.**

- enunciados avaliativos positivos: **teve a morte dos justos;**

- verbos que indicam estado (alta frequência do verbo SER): **Foi vigário da Victoria; sendo Prior ...; foi pastor...; foi organista ...;**

- comparações: **aí mostrou-se como era distinto e consumado theologo; na morte o choraram como a príncipe santo e justo;**

- termos que indicam circunstâncias de tempo, de procedência ou lugar: Bispo de Coimbra; Deputado às cortes portuguesas e do Rio de Janeiro; Morreu no exílio, e em terra estrangeira; nascido em Sancta Christina de Malta do reino de Purtugal.

Uma estratégia bastante utilizada na construção discursiva dos atores e do evento representados nos epitáfios é a predicação. Nos exemplos estudados, a avaliação, a caracterização, os traços, as qualidades e os atributos enfatizados em relação a quem produz o texto e ao objeto do discurso (a morte e os mortos) é sempre positiva. As predicações são feitas de forma direta: Foi **solícito** pastor; **Distinto** e **consumado** theologo; príncipe **santo** e **justo**; **Grande** sacerdote; **último** cliente [...] **leprosa** parturiente; Seus filhos choraram **inconsoláveis**; filha **virtuosa**.

Devido ao caráter laudatório do discurso sobre a morte e os mortos, caracterizado pela nomeação e predicação dos atores sociais e do próprio evento, o item lexical de maior peso, em relação aos epitáfios dos bispos, é um verbo que indica estado (SER), o que atesta a ênfase no significado ideacional que aponta para a representação das nossas experiências, do mundo interior e exterior e de seus integrantes. As realizações linguísticas, organizadas por esse gênero, indicam os traços de tempo, espaço, pessoa, e revelam o *ethos* discursivo de quem as usa e de quem está representado.

Quanto ao constructo argumentativo, os seguintes *topoi* (esquemas de argumentação) foram identificados, conforme alguns exemplos destacados no Quadro 01.

Quadro 1 - Esquemas de argumentação.

Exemplo	Estrutura do texto e tópicos discursivos	Argumentação
<p>Aqui jaz</p> <p>Dom Fr Joaquim de Nossa Senhora de Nazareth Bispo de Coimbra Conde de Arcanil Senhor de Coja Alcaide Mor de Avo Foi Prelado de Moçambique em 1811 Sagrado bispo de Leontópolis em 1818 Transferido d'aquela bispado para o Maranhão em 1819 e deste para o de Coimbra em 1824 Foi Par. do Reino às cortes portuguesas de 1826 a 1828</p> <p>e aí mostrou-se como era distinto e consumado theologo</p> <p>Emigrou para esta província em 1840 e aqui faleceu ao 1º de setembro de 1851 Com 75 annos e trez meses de idade. Morreu no exílio, e em terra estrangeira, Mas terra de irmãos e filhos seos.</p> <p>Que na vida o amaram como pai, na adversidade o acolheram como amigo, e na morte o choraram como a príncipe santo e justo</p> <p>LUX PERPETUA LUCEAT EI AMEN! (A luz perpétua o illumine amém!)</p>	<p>Formato Narrativa</p> <p>Tópico: a trajetória da vida do alto clero</p> <p>Tópico: a distinção e a sabedoria do bispo</p> <p>Tópico: a morte no exílio, o sacrifício cristão</p> <p>Tópico: o reconhecimento e o sentimento dos filhos pela figura do pai</p>	<p>Topos da titulação honorífica</p> <p>Topos da virtuosidade</p> <p>Topos da sabedoria</p> <p>Topos da magnanimidade</p> <p>Topos do sacrifício pessoal</p> <p>Topos do amor paternal</p> <p>Topos da santidade</p> <p>Topos do justo</p>

O que predomina nesse tipo de discurso são tópicos relacionados à ideologia religiosa (amor extremado ao rebanho, sacrifício de vida pelo rebanho, dedicação à Igreja, grandiosidade das obras realizadas etc) por meio de acontecimentos que atestam as virtudes, as qualidades e as ações, consideradas positivas e exemplares, de acordo com o modelo cristão.

CONCLUSÃO

A exigência genérica que motiva a família ou outra instituição a produzir um epitáfio com uma intensificação, amplificação maior de determinados atores que assumem certos papéis sociais de destaques nas esferas religiosa, política, artística, jurídica, por exemplo, relaciona-se a uma necessidade social de fixação na memória do grupo a que pertence, também de reconhecimento perpétuo da importância social desse integrante da sociedade além de uma forma de superação do luto. Para essa exaltação do morto e intensificação de seu papel social, a estratégia discursiva mais recorrente é a predicação.

Hoje o epitáfio como forma textual que pode ressaltar, por meio da amplificação das ações, a importância de participantes de certos papéis sociais, sofre uma diminuição quanto ao uso. Isso se deve a limitação do tamanho das lápides dos cemitérios brasileiros e o próprio declínio das práticas fúnebres, fruto da liquidez das sociedades hodiernas.

Na retórica epítitica, os elementos de virtudes como a justiça, a bondade, a coragem, a temperança, a magnanimidade, a sabedoria etc, são necessariamente os que se apresentam como os mais úteis aos outros e servem de fundamento para a argumentação. O produtor do discurso emprega formas de amplificação da representação do outro e de si próprio para uma audiência que considera conhecida. A amplificação enquadra-se logicamente nas formas de elogio e, conseqüentemente, na intensificação de papéis sociais.

REFERÊNCIAS

- BALOCCO, Anna Elizabeth. A perspectiva discurso-semiótica de Gunther Kress: o gênero como um recurso representacional. In: BONINI, Adair; MEURER, José Luiz; MOTTA ROTH, Désirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 65-80.
- BAZERMAN, Charles; PRIOR, Paul (ed.). **What writing does and how it does it: an introduction to analyzing texts and textual practices**. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2004.
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. **Escrita, gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. 6. ed. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção: Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 2007.
- JEWITT, Carey; OYAMA, Rumiko. Visual meaning: a social semiotic approach. In: van LEEUWEN, Theo & JEWITT, Carey. **Handbook of visual analysis**. London: Sage Publications, 2003.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. 2.ed. New York: Routledge, 2006.
- KRESS, Gunther; HODGE, Robert. **Social semiotics**. Cornell University Press, 1988.
- SANTANA, Fabíola de J. S. S. A tradição discursiva epitáfio em lápides tumulares do século XIX. In: **SOLETRAS**, Ano VIII, N° 15. São Gonçalo: UERJ, jan./jun.2008. pp. 91-100, 2008a.
- _____. Os sistemas semióticos na escrita dos epitáfios: memória e identidade. In: **Anais da 1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso**. Maringá-PR: Editora do DLE/UEM. pp. 708-718, 2008b.

van LEEUWEN, Theo & JEWITT, Carey. **Handbook of visual analysis**. London: Sage Publications, 2003.

¹ Neste trabalho, adotamos a noção de gênero textual, conforme o que propõem MILLER (1984, 2009) e BAZERMAN (2004, 2005, 2006, 2007). O que nos atraiu nessa abordagem é que se considera não apenas os traços textuais sinalizadores e caracterizadores dos gêneros, mas principalmente aspectos funcionais, pragmáticos e psicossociais que refletem nossas necessidades de pensar, realizar e organizar as atividades e os fatos sociais, espelhando as experiências de seus usuários.